

30ª semana – 18/11/2020.  
8º ano – professora Soraya.

**Olá, galerinha... hoje faremos uma interpretação de texto.**  
**Não precisa enviar por e-mail, mas façam, pois posso pedi-la daqui uns dias.**

**Uma noite no paraíso**  
Ítalo Calvino

Era uma vez dois grandes amigos que, de tanto que se queriam, haviam feito um juramento: quem casasse primeiro deveria chamar o outro para padrinho, mesmo que se encontrasse no fim do mundo.

Depois de algum tempo, um dos amigos morre. O outro, devendo casar, não sabia como fazer e pediu conselhos ao confessor.

— Negócio complicado — disse o pároco —, você deve manter a sua palavra. Convide-o mesmo estando morto. Vá até o túmulo e diga o que tem a dizer. Ele decidirá se vem ou não.

O jovem foi até o túmulo e disse:

— Amigo, chegou o momento, vem para ser meu padrinho!

Abriu-se a terra e pulou fora o amigo.

— Claro que vou, tenho que manter a promessa, pois se não a mantiver não sei quanto tempo terei que ficar no purgatório.

Vão para casa e depois à igreja para o matrimônio. A seguir veio o banquete de núpcias e o jovem morto começou a contar histórias de todo tipo, mas não dizia uma palavra sobre o que vira no outro mundo. O noivo não via a hora de lhe fazer umas perguntas, mas não tomava coragem. No final do banquete, o morto se levanta e diz:

— Amigo, já que lhe fiz este favor, você tem que me acompanhar um pouquinho.

— Claro, por que não? Porém, espere, só um momentinho, pois é a primeira noite com minha esposa...

— Certamente, como quiser!

O marido deu um beijo na mulher.

— Vou sair um instante e volto logo. — E saiu com o morto.

Falando de tudo um pouco, chegaram ao túmulo. Abraçaram-se.

O vivo pensou: "Se não lhe perguntar agora, não pergunto nunca mais", tomou coragem e lhe disse:

— Escute, queria lhe perguntar uma coisa, a você que está morto: do outro lado, como funciona?

— Não posso dizer nada — respondeu o morto. — Se quiser saber, venha você também ao Paraíso.

O túmulo se abriu, e o vivo seguiu o morto. E logo se encontravam no Paraíso. O morto o levou para ver um belo palácio de cristal com portas de ouro, cheio de anjos que tocavam e faziam dançar os beatos, e São Pedro, que tocava contrabaixo. O vivo estava de boca aberta e quem sabe quanto tempo teria ficado ali se não tivesse de ver todo o resto.

— Agora, vamos a outro lugar! — disse-lhe o morto, e o levou a um jardim onde as árvores, em vez de folhas, tinham pássaros de todas as cores que cantavam. — Vamos em frente, o que faz aí encantado? — E o levou a um prado onde os anjos dançavam, alegres e suaves como namorados.

— Agora vou levá-lo para ver uma estrela!

Não se cansaria nunca de admirar as estrelas; os rios, em vez de água, eram de vinho e a terra era de queijo.

De repente, caiu em si:

— Ouça, compadre, já faz algumas horas que estou aqui em cima. Tenho que voltar para minha esposa, que deve estar preocupada.

— Já está cansado?

— Cansado? Sim, se pudesse...

— E muito mais haveria para descobrir!

— Tenho certeza, mas é melhor eu voltar.

— Como preferir. — E o morto o acompanhou até o túmulo e depois sumiu.

O vivo saiu do túmulo e não reconhecia mais o cemitério. Estava todo cheio de monumentos, estátuas, árvores altas. Sai do cemitério e, no lugar daquelas casinhas de pedra meio improvisadas, vê grandes palácios e bondes, automóveis, aviões. "Onde é que vim parar? Terei errado o caminho?"

Mas como está vestida esta gente!"

Pergunta a um velhinho:

— Cavaleiro, esta aldeia é...?

Sim, é esse o nome desta cidade.

— Bem, não sei por que, não consigo me situar. Saberria me dizer onde fica a casa daquele que se casou ontem?

— Ontem? Estranho, trabalho como sacristão e posso garantir que ontem ninguém se casou!

— Como? Eu me casei! — E lhe contou que acompanhara ao Paraíso um padrinho seu que morrera.

— Você está sonhando — disse o velho. — Essa é uma velha história que contam: do marido que acompanhou o padrinho até o túmulo e não voltou; e a mulher morreu de desgosto.

— Não, senhor, o marido sou eu!

— Ouça, a única solução é que vá conversar com nosso bispo.

— Bispo? Mas aqui na aldeia só existe um pároco.

— Nada disso. Há muitos anos que temos um bispo. — E o levou até o bispo.

O bispo, quando o jovem lhe contou o que lhe acontecera, lembrou-se de uma história que ouvira quando rapaz. Pegou os livros, começou a folheá-los: há trinta anos, não; cinquenta anos, não; cem, não; duzentos, não. E continuava a folhear. No final, numa folha toda rasgada e gordurosa, encontra justamente aqueles nomes.

Aconteceu há trezentos anos. O jovem desapareceu no cemitério e a mulher dele morreu de desgosto. Leia aqui se não acredita!

— Mas sou eu.

— E você esteve no outro mundo? Conte-me como é!

Porém, o jovem ficou amarelo como a morte e caiu. Morreu assim, sem poder contar nada do que vira.

CALVINO, Ítalo. Fábulas italianas. Tradução: Nilson Maulin, São Paulo, Companhia das Letras.

1. Enumere os fatos na ordem em que aconteceram no texto:

- ( ) O recém-casado conhece um jardim onde as árvores, em vez de folhas, tinham pássaros de todas as cores, que cantavam.
- ( ) O vivo vai à uma igreja e é atendido por um bispo muito importante.
- ( ) Dois amigos fazem um juramento: quem casasse primeiro chamaria o outro para padrinho.
- ( ) O vivo fica assustado, pois sua cidade estava muito diferente.
- ( ) O morto vai ao casamento do amigo.
- ( ) O vivo acompanha seu amigo morto até sua morada.

2. Por que o amigo chamou o morto para ser padrinho de seu casamento?


3. O narrador do texto é:

( ) Narrador- personagem ( 1ª pessoa)      ( ) Narrador- observador (3ª pessoa)

4. Retire um trecho do texto que justifique sua resposta na questão 2.


5. O que o noivo viu de interessante no Paraíso?


6. Depois de algumas horas o morto resolveu voltar para sua noiva, mas ao sair viu que estava tudo diferente. Se a localidade era a mesma, por que isso aconteceu?


7. Ao ler o desfecho do texto percebemos que “o tempo na Terra e no Paraíso não passa da mesma maneira”. Justifique esta afirmação.


**Bom trabalho... beijinhos da profe!**